LIÇÃO 7: CRISTO, AUTOR DE UMA NOVA ALIANÇA

TEXTO ÁUREO: *"Porque este é o concerto que, depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor: porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei; e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo"* (Hb 8.10).

LEITURA BÍBLICA: HEBREUS 8.1-13

INTRODUÇÃO

Todas as alianças registradas nas Escrituras apontavam para Cristo; contudo, referiam-se a uma realidade que ainda haveria de se cumprir. Algo pode ser muito bom durante determinado tempo, perdendo depois a validade. A nova aliança é o próprio cumprimento de todas as promessas e, por isso mesmo, tem valor e importância superiores. É o que veremos na lição de hoje, essa realidade em Cristo, o autor dessa nova aliança.

I – A SUPERIORIDADE DO SACERDÓCIO DE CRISTO (8.1-5)

Logo de início nos é afirmado que temos "um sumo sacerdote tal", enfatizando mais uma vez a singularidade de Cristo como Sumo Sacerdote, destacando-o e diferenciando-o dos sumos sacerdotes comuns, frágeis, mortais, da Antiga Aliança. A palavra "tal", aqui, evidencia a incapacidade das palavras humanas para descrever a grandeza de Cristo. Ainda, é enfatizado que Ele está "assentado nos céus à destra da Majestade" (cf. 1.3; 10.12 e 12.2), indicando que Cristo, como Sumo Sacerdote perfeito, realizou Sua obra de tal forma que tem o direito de assentar-se no Seu trono, ao lado direito do Pai. O fato de estar assentado sugere Sua condição real: Ele se assenta como rei em contraste com os sacerdotes do velho sistema que ficam de pé oferecendo seus sacrifícios diários e ineficazes (10.11). Nos céus, Cristo ocupa a posição de mais alta honra: "à direita de Deus" (Mc 16.19). Ele é o único Ser que tem essa posição de extremo destaque nos céus. Tal verdade nos é transmitida para que saibamos que o nosso Mediador não é um ser celeste qualquer, mas aquele que tem posição de honra, única e destacada, diante de Deus. As nossas orações são levadas a Ele, que por nós intercede junto ao Pai.

É, ainda, descrito que Jesus é: "ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo" (v. 2). Nos céus, o verdadeiro tabernáculo, fundado pelo Senhor, e não por homem, Jesus, como Sumo Sacerdote constituído por Deus, continua a executar seu ministério como nosso mediador, intercessor, advogado e Sumo Sacerdote perante o Pai, pois entrou, uma vez por todas, no Santo dos Santos (Rm 8.34b; Is 64.4; 1 Jo 2.1, 2). É ressaltado que o tabernáculo no deserto, o sacerdócio e a Lei serviam de "exemplar e sombras das coisas celestiais" (9.9, 23; 10.1; Cl 2.17). O templo terrestre era um "modelo" do verdadeiro templo de Deus, o culto terrestre era um reflexo remoto da verdadeira adoração e o sacerdócio terreno era um esboço, e não pode conduzir os homens à realidade. Mas Jesus pode conduzi-los à realidade. Seu sacerdócio verdadeiro é o único que pode tirar os homens deste mundo de "sombras" para levá-los ao mundo das realidades eternas.

II – UM MINISTÉRIO MAIS EXCELENTE (8.6-9)

Na terra, Jesus foi mais do que um sacerdote, Ele foi o "cordeiro de Deus", oferecendo-se a Si mesmo como holocausto, entregando Sua vida em nosso lugar (cf. Jo 10.15, 28). Agora, Ele exerce as funções sumo sacerdotais lá no céu: "alcançou Ele ministério tanto mais excelente" (v. 6; cf 1.4), maior que o realizado por todos os sacerdotes e sumo sacerdotes terrenos da Antiga Aliança.

Uma aliança ou pacto é um contrato, uma concordância formal entre duas ou mais partes e na presença de um mediador. Em um pacto, um lado promete fazer certas coisas sob condições de que a outra parte concorde em fazer outras. No Antigo Pacto, vemos Deus de um lado, o povo de Israel de outro e o mediador era o sacerdote ou o sumo sacerdote. Deus oferecendo salvação e requerendo do povo obediência irrestrita. A Antiga Aliança foi proposta e estabelecida por Deus, os sacerdotes fizeram seu trabalho, mas fracassaram, pois foram mediadores deficientes e falhos. O lado humano, representado por Israel, arruinou-se apostatando: "como não permaneceram naquele meu concerto" (v. 9; Ex 32.1-8). Mas Deus, por sua infinita misericórdia, proveu-nos um novo e melhor concerto, "confirmado em melhores promessas" (v. 6), através da mediação de Cristo (v. 6).

O autor declara: "se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo" (v. 7). Mas o fato é que a aliança não levou ninguém a um andar íntimo com Deus. É reconhecido que a falha não estava na aliança e, sim, no povo. Não viviam em plena obediência ao

Senhor. O resultado foi que Deus acabou rejeitando a nação judaica como Seu povo especial: "Eu para eles não atentei, diz o Senhor" (v. 9; Os 1.8, 9; Mt 23.37).

III – CRISTO É MEDIADOR DE UMA MELHOR ALIANÇA (8.10-13)

Jesus trouxe uma Nova Aliança, que se estabeleceu, não em atos exteriores, rituais, mas no interior do homem, no entendimento e no coração. Por isso, é um melhor concerto. Observemos alguns aspectos desse "novo concerto". As Escrituras já se referiam a este tempo ao dizer: "eis que virão dias"; assinalando que a antiga aliança de modo algum era perfeita (Jr 31.31-34). Esta aliança não só seria nova, pois o antigo concerto estava "envelhecido" (v. 13), mas também por ser considerada qualitativamente superior por causa de seu alcance; ela uniria aqueles que estavam divididos – "a casa de Israel" e "a casa de Judá", eliminaria os cismas e faria com que os antigos inimigos achassem a unidade; além de ter uma abrangência universal, alcançaria todos os homens – sábios e ignorantes conheceriam a Deus, desde o menor até o maior (v. 11). Já não existiria uma classe especialmente privilegiada.

O aspecto fundamental desse novo concerto está na afirmação: "porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei" (v. 10). A antiga aliança dependia da obediência a uma Lei que se impunha externamente, porém a nova aliança se torna superior, pois somente o Senhor tem o poder de fixar os seus mandamentos nas nossas mentes e escrever na tábua dos nossos corações. Para expressá-lo de outra maneira, os homens obedeceriam a Deus não mais pelo medo ou o castigo, mas sim porque o amavam; não porque a Lei ordenasse fazê-lo forçosamente, mas sim porque o desejo de obedecê-lo estaria escrito em seus próprios corações.

Por fim, o resultado dessa aliança é o perdão dos nossos pecados: "serei misericordioso para com as suas iniquidades e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais" (v.12). A nova relação se baseia inteiramente no amor de Deus. Sob a antiga aliança o homem só podia manter esta relação com Deus obedecendo à Lei, quer dizer, mediante seu próprio esforço. Agora, pelo contrário, tudo depende não do esforço do homem, mas sim da graça, do amor e da misericórdia de Deus. A nova aliança coloca os homens em relação com um Deus que é ainda o Deus de justiça e amor (Jo 3.16-18).

CONCLUSÃO

No passado Deus sempre providenciou um modo de o homem se relacionar com Ele, mesmo tendo o pecado feito a separação. Para isso, foram determinados os sacrifícios. Esse passado não era um fim em si mesmo, apontava para Cristo, maior, melhor e eterno. Esse passado não deve ser mais revivido – isso significaria rejeitar toda a obra de Cristo. É Ele quem perdoa efetivamente os pecados, segundo suas conquistas, tendo sido o último, perfeito e suficiente sacrifício, numa nova e eterna aliança.

QUESTIONÁRIO

1. *Qual era a função principal das cerimônias, sacrifícios e ordenanças do Antigo Testamento?*
2. *Por que Jesus é apontado como ministro do santuário e do verdadeiro Tabernáculo?*
3. *Por que o novo concerto substituiu o antigo?*